CONHECIMENTOS UTEIS.

ALVITRES EM FAVOR DA AGRICULTURA PORTUGUEZA.

O auctor do artigo, que se vae ler, é proprietario e lavrador na provincia do Algarve. — Reune á longa pratica estudos variados nos livros e terras dos estrangeiros. Dotado de bom intendimento e de boa vontade, não descança nas fadigas ruraes, e no inventar e experimentar máchinas e methodos proveitosos, senão para excogitar, expender por escripto, e pedir que se adoptem as providencias, que, segundo elle, melhor podem salvar-nos da miseria, porque intende, e intende bem, que a prosperidade, entre nós, ha-de entrar dos campos para as cidades, quando das cidades houverem saído para os campos novas leis. A arvore, que ha-de cobrir de boa sombra, de bons fructos, de boas flores esta immensa capital, necessita de ter o seu tronco fóra, e as suas raizes diffundidas e regadas por todos os nossos campos: — o beneficio mútuo é a lei suprema da natureza; querer violal-a é querer a morte.

—

1290 A agricultura é uma sciencia, como qualquer outra, que se funda em principios, e regras geraes. O estudo d'ella é pelo menos tão difficil como o das outras. Para melhoral-a e aperfeiçoal-a são precisas boas escholas

Custoso é o aprendisado em qualquer sciencia, n'esa, sobre custoso, é incómmodo e cançadissimo, porque os alumnos hão-de pensar os animaes, agarrar-se á rabiça e manear todos os instrumentos leves ou pesados da lavoira; arrostar calmas e chuvas; trocar o somno da madrugada, e muitas vezes o da noite, pelas fadigas; endurecer e callejar; dar têmpera de aço ao corpo contra a molleza, e ao ânimo contra os vicios.

Para o estabelecimento das escholas agrícolas, é preciso de grandes obras de diversos auctores, comparadas com discernimento, extraír folhetos, onde breve e succintamente se contenha o essencial para que os aprendizes fiquem sabendo os methodos praticos, e as tentativas uteis. Toda a demasía em preceitos ou razões dá perda de tempo e de attenção, e logo de vontade e de perícia. Muitos dos nossos camponezes (quasi todos) mal sabem ler, ¿como ha-de nem só um d'elles, ir para uma eschola de palavras, que espremidas depois não deitam sumo, quando o pae necessita d'elle no tráfego, que, bem ou mal, lhe mantém toda a familia?

Como os habitos e os costumes por mais, que os legisladores se matem, não são coisas, que se larguem, como se déspe uma camisa ao sabbado para apparecer no domingo bem lavado: é preciso ir dispondo o povo rustico para os melhoramentos, por via das sensações das coisas visiveis e palpaveis; não argumentar com o intendimento, mas convencer os olhos.

Tenho lido muitas reflexões sobre differentes ramos de agricultura e arvoredos por senhores, grandes proprietarios, mas isto, sendo muito louvavel, não passa de um entertenimento e recreio em um pedaço de suas vastas propriedades, para terem o gosto de se ver impressos: ¿que interesse vem d'ahi á agricultura em geral? nenhum.

Se me dissessem, que algum d'estes senhores tinha destinado a um de seus filhos para a agricultura, que o mettia com os filhos de lavradores humildes a exercitar-se na honrada labotação campestre, a fazer e verificar experiencias, parabens déra eu á Patria, porque lhe amanhecia a felicidade do verdadeiro nascente, d'onde lhe ella póde vir: porém os senhores divertem-se com o pedacinho do seu terreno, que lá lhe caíu em graça, e o restante de seus grandes prédios continúa a ficar ao Deus dará; ou entregue, quando muito, ao fabríco do ramerrão; e os senhoritos, que por alli podiam ir augmentando o seu patrimonio de riqueza, de saude, e de bons costumes, para virem de muitos modos a ser uteis á sua gente e á sua Patria, creadinhos na cidade, com mimos e delicadezas, desprezam a agricultura, ainda que pelo que leram e estudaram nos livros lhe reconheçam e confessem as utilidades; e desandando as escravêlhas ás suas ambições não aspiram a ser senão ministros, conselheiros, ou empregados publicos, isto é, á vida de corpo direito e casaca lustrosa. Aquillo é o mesmo, que preferir uma novella ociosa ou damninha, mas bem impressa, encadernada e doirada a um livro, ao mesmo tempo util e recreativo, porque tem capa de pergaminho e as folhas amarelladas.

Não podendo estabelecer-se, para já, as escholas agronómicas, póde incessantemente o governo ir dispondo as coisas para se virem a estabelecer.

Para reanimar a agricultura e levantar-lhe os espiritos, bastava applicar-se para ella parte dos privilegios e condecorações, que muitas vezes se malbaratam. — Por exemplo — um grande proprietario, que estabelecer uma aldêa ou certo numero de cazaes, afforando a cada um terreno, que baste para o manter em sendo bem tractado, facilitando-lhe de mais, ou abonando alguns utensís de lavoira, seja condecorado: seus filhos, se tomarem a si a direcção dos mesmos estabelecimentos, exercitando-se nos mesmos trabalhos por suas mãos, animando os colonos com o exemplo, tanto no cultivo da terra como na creação dos gados, propagando prados artificiaes, que para os mesmos gados são tão uteis, etc., etc., fiquem livres de recrutamento, ou por qualquer modo ennobrecidos. Todos os ministros, começando pelos da corôa, attendam com preferencia em despachar os requerimentos e aviar os negocios d'estes homens, para quem o tempo é tão precioso, que em logar de o andarem gastando pelas calçadas da côrte, como os vadios por vocação, o convertem em pão, carne, vinho, fructos, lã, madeira, e quasi tudo o de que a mesma côrte e mais cidades se manteem.

Estes e outros similhantes favores, que nem se pode dizer custarem pouco porque não custam nada, podem produzir admiraveis beneficios particulares e publicos. Quem pensar n'isto dez minutos ficará convencido d'esta verdade para toda a vida, e se estiver ou vier a estar em logar, onde possa, ha-de por ella fazer obra que se agradeça.

Já os Ill.mos Deputados Lopes e Grande tocaram n'isto em Côrtes; mas se o governo não adoptar algumas coisas, que aponto, nada se conseguirá, porque o interesse de honras ou de dinheiro é a mola real do mundo.

O sol do campo tenho eu visto, que amadurece mais cedo o juizo util que o da cidade. — Os rapazes creados nos trabalhos ruraes affeiçoar-se-lhes-hão pelo costume, e irão para diante sem estimulos externos: —

mas para se resolverem a começal-os é que se precisa de lhes mostrar, que os homens lá da côrte lhes dão importancia.

Para a cultura dos prados artificiaes se estender, e se melhorar a creação dos gados, que são dois pontos, (direi melhor) que são um ponto de grandissima substancia, estabeleçam-se premios. — Quem apresentar na feira, em certo dia do anno, a melhor cabeça de gado, vacca ou égua com sua cria, haja pela camara municipal do districto, por ex. 9600 réis, o immediato em merecimento receba 4800 réis: — pela melhor porca com bácuros 4800 réis; e pela immediata 2400 réis: — o melhor casal de gado de lã ou cabrúm leve 3200 réis; o immediato 1600 réis. — Sendo tudo isto presidido e julgado pelos vereadores, em sessão publica, e assistidos de alguns homens bons do concelho. — Este dia da adjudicação dos premios deve ser uma festividade no logar; e as rêzes preferidas ser ahi solemnemente marcadas, para que não voltem as mesmas a figurar, por fraude, no anno seguinte.

Para estes e muitos outros fins seria boníssimo accôrdo, o crear-se em cada provincia um inspector geral de agricultura. Para mim tenho que ninguem mais bem accondicionado para esse cargo do que os bispos, que, se quizerem, como D. Francisco Gomes do Avellar, até impossiveis poderão. Teem demais em seu favor, que para com elles não haverá rivalidades, que aliás não faltariam para qualquer outro. — O inspector havia de nomear sub-inspectores, que lhe viessem dando conta dos melhoramentos e estabelecimentos, que fossem apparecendo para, segundo ellas, se distribuirem os premios, que já disse, de exempções e condecorações. — A seu cargo devêra andar o denegar ou conceder condicionalmente licença para córte de arvoredos. Com este inspector e sub-inspectores facilitar-se-hia a creação de sociedades promotoras de agricultura em geral, ou em particular de algum dos ramos agronómicos, segundo as circumstancias especiaes do districto.

N'esta provincia do Algarve ha grandes proprietarios; mas seus filhos são todos senhoritos. — Tem-se augmentado muito a cultura, mas nenhum melhoramento se lhe tem adoptado. — Teem-se derrotado pinhaes e mais arvoredos uteis, mas no logar d'elles nenhuns se teem semeado nem plantado: só com os figueiraes é que tem havido mais algum desvéllo. Os municípios não olham por coisa nenhuma d'estas — ¡¿que esperança póde haver de que se propaguem as amoreiras, e outras producções, que esta boa terra e clima estão pedindo, se não se lançar mão dos estímulos, que aponto?! ¡ Nenhuma!

José Joaquim Ramalho.

AGRICULTURA.

Sementeira de trigo.

1291 A agricultura, tomada como sciencia, consiste no conhecimento de todas as leis da natureza vegetal; e considerada como arte, está em adaptar os meios humanamente empregaveis, para, segundo essas leis, tirar da terra a maior, e melhor copia de sugeitos das especies vegetaes necessarias á vida, e ao luxo. Não se enganou o primeiro sabio, que disse, que a agricultura foi mãe de todas as sciencias.

Os nossos agricultores, intendendo pouco na sciencia, empregam, para tirarem grande proveito da arte, todos os seus esforços, e cuidados em lavrar muita terra, e enterrar muitos moios de semente. N'esta provincia está a cultura dos cereaes, mais do que as outras, dividida em grandes empreitadas: empreiteiro conhecêmos, que semêa 200 moios de especies! O resultado não corresponde jámais ao emprêgo das forças, nem ao das leis.

Dão-se por muito contentes, e felizes quando a terra lhes dá dez por um, e com tudo é esta a menos avultada retribuição, que ella nos concede! ¿Pois que espiga de trigo tem menos de dez grãos? ¿¡ E qual é o grão, que produz só uma espiga?! Em 1838 colhi eu 36 espigas com 1475 bagos de um só bago *ribeiro*, e estes bagos deram-me mais de meio alqueire semeados em arêa gorda, e por entre as carreiras de uma bacelada no anno seguinte de 1839.

O methodo, que empreguei, foi muito singelo: esterquei o terreno; semeei-o a rêgo na profundidade de uma pollegada, e a distancia de meio palmo entre grão e grão; nenhum houve, que produzisse menos de septe formosas espigas, que eu tive cuidado de defender dos pardaes, formigas, etc. etc. (*)

Estou vendo, que me hão-de dizer — que este methodo é impossivel, e dispendiosissimo. — Pois nem uma, nem outra coisa é elle. Impossivel não, porque já eu, e já outros o experimentaram: — dispendiosissimo, tambem não, porque só o é aquillo de que não resulta proveito em proporção; e aqui é elle tamanho que não ha medida legal onde se accommode.

Attendam e attentem bem os agricultores. Um alqueire de trigo semeado a rêgo, e nas suas distancias, occupa tanto terreno como um moio semeado ás mãos cheias; e ahi teem 59 alqueires de semente poupada: d'aquelle alqueire não lhe resultarão menos de 240 de producção (termo medio); e ahi teem quasi ametade do que obteriam, sendo felizes, do moio semeado como o semêam.

Agora vejam a despeza no fabríco, e amanho — vinte charruas ordinarias fazem lhe a primeira lavoira em qualquer tempo, que a terra se desfaça bem: dez grades dispõem-n'a para a 2.ª lavoira: outras dez charruas, que apenas profundem duas pollegadas, (e que podem ser tiradas por quaesquer animaes de mediana força) lh'a semêam sem mais auxilio que o de um pequeno ingenho collocado no *ápo* atraz da céga, que vá largando a semente como na mó do moinho a larga o sacco d'elle, e um rôdo atraz do dente, que a cubra. — A mão do homem não é precisa n'este mistér senão para fazer o ingenho; e de muitos, e bons ingenheiros, abunda a nossa terra, que isto facilmente conceberão, e ensinarão a executar. — A outra despeza é depois a sacha, quando a planta principía a querer encanar; e 40 mulheres, ou rapazes fazem a de um alqueire de trigo, porque seis sacham um de milho.

Experimentado que fôr este methodo, elle se generalisará: o que seguem é defeituoso, e contrario ás leis da vegetação: por elle, a mór parte da semente fica tão funda, que lá morre sem germinar: outra parte fica debaixo da leiva, e acontece-lhe o mesmo: a que nasce, vem tão basta, que nem as raizes cabem na matriz, nem a nutrição athmosphérica lhe chega, ainda quando ahi por juncto das searas não haja arvore-

(*) Conhecemos um juiz de fóra, em Torres Novas, que semeava no seu quintal por este methodo uma quarta de trigo, e nunca tirava menos de 90 alqueires.

os que lh'a roubem: generalisado este systema podem os nossos agricultores semear menos, colhêr mais, e medrar nas creações para exportar, que não é isto para perder de vista.

Desenganem-se elles, que os maximos segredos da sua profissão, consistem, em fazer as coisas em tempo, com conhecimento de causa, e de modo que com a menor despeza se tire o maior proveito.

No seguinte artigo demonstraremos aproximadamente — que o ganho excede a 50 por cento: daremos uma idéa mais clara do apparêlho, que se deve fazer; e accommodaremos á intelligencia, menos instruida, certas regras geraes para conhecer o tempo, e algumas causas, e effeitos que muito convém saber ao agricultor.

José de Freitas Amorim Barboza.

Santarém 24 de janeiro 1843.

MULTICÁULES.

1292 O nosso honrado collega, redactor do *Angrense* desejoso, como bom portuguez, de contribuir para o augmento das culturas prestadías, refére com os devidos louvores para incentivo a descuriosos as diligencias, com que os Srs. Dabney, Visconde de Bruges, e commendadores Fonceca, e A. A. dos Sanctos vão no archipélago açoriano propagando as multicáules. A patria deve agradecimentos aos que agricultando ou escrevendo assim consultam aos seus futuros remedios.

DEFENSA DO CORPO DO COMMERCIO.

(Carta.)

1293 Tenho lido com muito interesse e admiração todos os artigos sobre *Instrucção Publica do Sr. C. A. da Costa*, insertos na Revista Universal Lisbonense; fiquei porém absorto com o 1243, na parte, em que accusa o commercio de Lisboa pela sua insciencia no seu officio, e contra os seus proprios interesses; chegando a sua *innocencia* ao ponto de pedirem augmento de direitos nas alfandegas para favorecer as nossas fabricas.

Não sou negociante, nem com elles tenho parentesco, ou relações; sou um portuguez, e esta qualidade não me consente silencio em tal materia, conforme posso e sei, emquanto uma penna habil não destroe completamente o êrro d'aquella imputação; — e impossivel será que ella não appareça.

Não sabia que os negociantes de Lisboa tinham feito aquelle pedido; agora lhes fico por esse facto, consagrando estíma e veneração, e por elle lhes desculparei em parte o unico defeito, que lhes acho; a sua demaziada propensão para a aristocracia, principalmente quando passam de uma fortuna média.

Quanto a mim aquelle pedido é patriotico, e é de tino commercial: — a primeira d'estas duas qualificações não é preciso demonstral-a, está provada com as proprias palavras do auctor, quando diz *para favorecer as nossas fabricas.* — Resta mostrar que é tambem de conveniencia commercial, o que julgo muito facil.

¿Que interesses poderá ter o commercio em um paiz pobrissimo e desgraçado? — Faça-se a vontade ao auctor do artigo; — baixem-se os direitos nas alfandegas; — parem todas as fabricas e productos nacionaes; — consuma-se só do que for importado; — exháura-se o resto do numerario, que existe no reino; — e veremos os grandes lucros que ha-de fazer o commercio com os generos importados: — ¿a quem os ha-de vender? ¿Quem tem já dinheiro para lh'os comprar?

Sr. Redactor, conjuro a V. , que tantas provas tem dado de nacionalidade, não deixe passar aquelle artigo sem resposta, como V. é capaz de lh'a dar; não consinta que vigore similhante doctrina em uma occasião, em que se engendra um, a que chamam *Tractado de Commercio e Amizade*, e que muitos denominam *violencia atroz de um governo malévolo*, que se aproveita do seu poder para se intrometter com uma nação pequena e desvalida, opprimil-a e expolial-a: assim como tambem esses portuguezes degenerados e assassinos de sua patria, que sempre apparecem a sofismar os interesses da sua terra em proveito dos estrangeiros. — E tal doctrina póde augmentar a audacia d'aquelle e d'estes, principalmente sendo expendida por uma pessoa de tanto pêso e consideração como o auctor do artigo.

Ahi está já um resultado da baixa de direitos; só porque se falla na diminuição d'elles no bacalháo, teem as acções da Companhia de Pescarias baixado a 7$000 réis!!! Se isso se verificar perderão todo o valor; a Companhia perecerá, e com isso ficarão satisfeitos os que pertendem a diminuição dos direitos: desgraça para o commercio, para a marinha, e para a nação em geral.

De V.

J. M. S. Leite.

Lisboa 26 de janeiro de 1843.

CONSELHO PARA A MELHOR CONSERVAÇÃO DO ATUM.

(Communicado.)

1294 O atum d'escabéche perde o mólho ou calda, por atacar o vinagre o ferro da lata, e esvaír-se. — Estas vasilhas para tal fim são mui improprias. — Se em logar de folhas para metter o atum se usasse de jarras de barro da qualidade do das botijas de Hollanda, ou ainda melhor, de frascos de vidro ordinario e quadrados para economia de espaço na arrumação, sendo umas e outras bem tapadas com boas rôlhas breadas, e por fim cobertas com pelle bem atada e segura; muito se acreditaria este producto, teria seguro consumo, e viria a ser até um valioso artigo de exportação. — Tambem me parece, que se o atum fosse cortado em pedaços mais pequenos, melhor se penetraria da calda e se conservaria.

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Capitulo III.

Applicação do Vapor de Alta Pressão.

(Vem de pag. 229.)

1295 I. Por estes annos de 1781, ainda não havia na Europa nenhuma idéa das máchinas de vapor de alta pressão; parecia delirio de um febricitante a lembrança de as applicar a mover carruagens sobre rodís de ferro nos caminhos d'esta denominação. Mas em 1786 *Oliveiro de Evans*, americano, descobriu a maneira de applicar a força do vapor na tensão de dez athmosphéras ao movimento dos carros e barcos.

A historia d'este novo descobrimento é curiosa, e por ella se verá como ás vezes um homem habil, dotado pela natureza de um raro talento, se aproveita de coisas, que os mais despresam.

Tinha o dicto *Evans* 18 annos de edade, quando outro mancebo, seu amigo, lhe contou, que tinha passado o dia de Na-

tal muito divertido, a dar tiros com agua!..... *Oliveiro de Evans*, lhe perguntou como era que isso se podia fazer..... O seu amigo o satisfez da maneira seguinte. — » Tapo (lhe diz) o ouvido de um cano de espingarda com um tôrno de ferro bem apertado, deito-lhe dentro uma pouca de agua e metto-lhe na bocca uma bucha de páu molhada e bem apertada, depois introduzo a culatra e coisa de um palmo do cano n'uma fórja de ferreiro, reparando em que a bocca fique um pouco elevada; esperto bem o fogo, tocando os folles; os circumstantes desviam-se para longe, passado pouco tempo faz a agua o effeito da polvora, dando um tiro muito forte, e fazendo saltar fóra a bucha de madeira. — Ouvindo isto *Evans*, exclamou logo com muita alegria. — *Eis ahi a força, e o agente que eu procurava, e que tanto desejava!!....*

Era *Oliveiro de Evans* já n'aquella edade um philosopho, que se applicava muito ao estudo da natureza; depois de ter pensado, e feito diversas investigações, e experiencias imaginou os meios de poder applicar o vapor a diversas máchinas na tensão de dez athmosphéras. — Vejamos agora o que elle mesmo escreveu no seu *Manual do Constructor das máchinas de vapor*. — » Depois de ter observado as operações da natureza na producção de similhantes effeitos, e de ter concebido os meios adquados para empregar o vapor na tensão de dez athmosphéras dirigi-me no anno de 1786 á legislatura da *Pensilvania* para sollicitar um privilegio exclusivo de vinte annos, afim de poder construir as máchinas proprias para fazer andar as carruagens pelas estradas; mas julgaram-me alienado do espirito por fallar em uma coisa que se reputava impossivel. — Dirigi-me depois á legislatura de *Maryland*, que me concedeu privilegio por 14 annos. »

Compunha-se a máchina de *Evans* de uma caldeira cylindrica, horisontalmente collocada, dentro n'ella tinha um cylindro excêntrico, que pouco se desviava da parte inferior, deixando na superior um espaço vasio de figura de crescente de lua na área de secção. Dentro d'este cylindro interior havia a grêlha e a fornalha n'uma das cabeças, e pela opposta saía o fumo e alguma labareda para a chaminé; o espaço vasio entre o dicto cylindro e a lâmina da caldeira era destinado para a agua, a qual rodeava todo o cylindro; os tampos de ambas as cabeças eram de ferro coado de bastante grossura, para resistirem á força expansiva do vapor, e tinham aberturas eguaes ás bases do mesmo cylindro interior, tudo pregado e ajustado convenientemente. Juncto da grande caldeira havia outra mais pequena, posta em communicação com ella por meio de tubos; esta participava do seu calor, recebia a alimentação da agua fria, e depois de estar em fervura passava para a grande, em virtude do jogo das bombas, que a máchina em movimento fazia trabalhar. O vapor, na tensão dicta de dez athmosphéras, saía por uma manilha collocada na parte superior da caldeira e d'alli corria para o cylindro motor, entrando alternadamente, ora por baixo, ora por cima do pistão, o que regulava com muita simplicidade a rotação da arvore de cima do volante da mesma máchina. Em competente logar estava a válvula de segurança, e o vapor expellido perdia-se na athmosphéra. Esta máchina era admiravel para o tempo, em que foi feita; pois o seu auctor reuniu n'ella diversas invenções, que nas de *Watt* levaram muitos annos a descobrir; mas assim mesmo tinha bastantes defeitos; porque a hástea do pistão oscilava algum tanto em razão de lhe faltar o parallelogramo inventado pelo sobredicto machinista, era um pouco perigosa, muito pesada, e tinha pequena superficie caleficiente, para se poder converter em locomotiva, como pertendia *Evans*: as estampas e descripções se acharão no referido *Manual do Constructor* do mesmo *Oliveiro de Evans*, traduzido do inglez por *Doolitle*, *Eddicção de Paris de* 1821.

II. — Na historia da invenção d'esta máchina ha uma particularidade que não deve ficar no esquecimento. A patente do privilegio, que foi concedida pela camara de *Maryland* tinha a data de 1787, e pelos annos de 1794 para 1795 enviou *Evans* para *Inglaterra* uma memoria e diversos desenhos aos ingenheiros d'aquella nação por via de *Joseph Sampson*, natural de *Boston*, convidando-os a sollicitar do governo outra patente de privilegio em beneficio commum d'elles e seu; mas todos se recusaram não podendo compreender o projecto, e tendo-o por chimérico. O portador, *Sampson* morreu pouco depois; mas os projectos e desenhos alli ficaram, e bem póde ser que viessem a servir para a invenção das carruagens movidas por vapor. Acha-se tambem noticia de outro inventor de máchinas de vapor, nos *Estados Unidos*, que era *M. Rumsey* natural da *Virginia*, e diz-se que elle fôra o primeiro, que applicára a potencia d'aquelle motor á navegação do *Potomak*, chegando a vencer-lhe a corrente e a fazer subir um barco por elle acima com a velocidade de uma milha por hora: ignora-se a data d'este invento, e sómente se sabe, que os mechanismos foram executados por um ferreiro de *Shepherdstower*. *Rumsey* vivia em extrema pobreza, e veio com a sua familia para *Inglaterra* procurar fortuna, aonde sómente achou a de morrer em pouco tempo! — Tambem se diz que um certo *M. Fitch* fôra o primeiro inventor das máchinas de vapor nos *Estados Unidos*; mas isto é pouco authentico. — Pelo que deixo referido acima ácerca de *Sampson* e de *Rumsey*, parece que as primeiras idéas da possibilidade de fazer mover os barcos e as carruagens por meio da força expansiva do vapor, vieram dos *Estados Unidos* para a *Inglaterra*.

(Continuar-se-ha.)

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Vem de pag. 232.)

1296 Nas differentes faces, que tenho procurado considerar na Instrucção publica, muitos cuidarão que não ha senão uma esteril ociosidade. Mas vejo eu que os maiores ministros de estado de Inglaterra e da França, e os membros mais insignes do poder legislativo em ambas estas nações, assim como os seus publicistas não movem um passo n'aquelles dois reinos, sem assentarem os raciocinios e as suas providencias sobre inquéritos statisticos que enchem volumes.

Debaixo da inscripção, *Divisão do reino*, procedendo ás col. 16.ª 17.ª e 18.ª, fiz a separação das tres provincias do norte, Minho, Traz-os-Montes, Beira, das do sul, a Estremadura, Alemtejo e Algarve, para se conhecer como entre ellas andava distribuida a instrucção universitaria. Pelas tres columnas supracitadas acha-se uma differença de não menos de 2044 para 20:795, ou 10 vezes mais em favor das do norte e prejuizo das do sul. Os nocivos effeitos d'esta desegualdade já teem sido variadamente expostos. A reproducção portanto d'esta separação, em resumo, é unicamente para habilitar a administração a poder traçar a sua reforma, todas as vezes que pertenda empreendel-a descentralisando-a do districto de Coimbra, e accommodando-a a toda a superficie do reino: — mandando a faculdade de Theologia para os districtos das sédes episcopaes: a de Medicina para dois outros pontos do reino, além do de Coimbra, que podem, e me parece, devem ser Lisboa e Porto: trazendo a faculdade de Direito tambem para Lisboa e Porto, além da cadeira, que póde ficar em Coimbra, como ponto central de uma grande parte do reino: as de Mathematica e Philosophia vindo para Lisboa para o Porto e para o Alemtejo.

Esta organisação parece-me que daria mais proveito do que a actual, porque iria o ensino para onde é mais preciso, e onde melhor se póde ajuntar a practica á theoria. Não se deveria ommittir na reforma, o provêr escholas d'agricultura de que supponho não haver nenhuma no reino.

Talvez objectem contra a utilidade, que se poderia tirar de alguma d'estas indicações, com o accrescimo de despeza por uma parte, e por outra com o empobrecimento de Coimbra. Objecções não costumam cá faltar em se propondo innovação util, e em geral prevalecem, por isso não duvido, que tudo continuará como vae. A desintelligencia, que lavra entre os estudantes e os moradores de Coimbra, quando outras razões não houvera, devia já per si bastar para se não quererem tantos mancebos de fóra reunidos em cidade tão pequena, porque d'ahi só provém turbulencias e desmoralisação.

Agora quanto á despeza não sei eu como esta augmentava por se collocar mais appropriadamente a instrucção, todas as vezes que se olhasse mais á sciencia e á sua diffusão do que á perluxidade com que pertendem atavial-a; e se se olhasse tambem para a economia dos alumnos; vinte moedas que cada um houvesse de gastar de mais por estarem fóra das suas familias, deitam a mais de 46 contos de réis de despeza extraordinaria, que evitariam se ficassem em suas casas.

Quanto ao empobrecimento de Coimbra, digo que mais valêra que as correntes da sua riqueza manassem de fonte natural mais propria e mais segura. Um cultivo mais intelligente de seus ferteis campos, o melhoramento das suas communicações, deviam-lhe valer uma e muitas vezes o proveito que deriva da hospedagem que dá á mocidade, que alli vae morar, e que em geral não é abastada. Seja como fôr, são precizas algumas novas disposições, porque segundo parece, a educação superior de *todas* as faculdades vae declinando na *somma total*. A chronica de D. Nicoláu de Sancta Maria, dos Conegos Regrantes de Sancto Agostinho liv. 10 cap. 3 §. 12 pag. 296, diz, que 630 estudantes passaram a Elvas com o reitor Saldanha a defender o reino em 1640 contra Castella. Não tinha Portugal n'aquelle tempo mais de 1,100,000 habitantes, (Balbi 1.° vol. pag. 186.) Vinha a ser 1 estudante por 1746 almas. Na nossa guerra da restauração da Senhora D. Maria II, o Sr. *Luna* não chegou a ter no seu commando mais de 163 academicos, e tendo o reino ao tempo da emigração, pelo menos 3,000,000 de habitantes, vem a ser sómente 1 estudante por 18:404 almas. Bem sei, que ha muita differença entre uma emigração estrangeira ou uma jornada dentro do mesmo reino; mas tambem entre 1746 e 18:404, vão mais de 10 vezes de differença.

(Continuar-se-ha.)
C. A. da Costa.

DA OMNIPOTENCIA E DA RESPONSABILIDADE DAS ASSEMBLÉAS LEGISLATIVAS.

1297 Poucos são os campos tão ferteis em abrolhos de erros e contradicções, como o da jurisprudencia constitucional. Não admira; porque n'umas partes está ainda por arrotear, e n'outras, em vez de boa cultura, tem-se seguido os habitos contraídos no absolutismo, misturando, com mão larga, semente de má herva a alguns grãos importados das searas outr'ora cultivadas por Socrates, Platão e Aristoteles.

Seja-nos licito mencionar hoje as falsas doctrinas, ou antes, alguns dos erros extraídos dos capitulos, que tractam da omnipotencia e da responsabilidade das assembléas legislativas.

Concordam todos nos dois principios: — que a nação é menor: e que os membros do congresso são mandatarios da nação, comparaveis ao tutor.

D'estes dois principios concluem: que o congresso é omnipotente, querendo dizer: que tem plenos poderes para fazer tudo quanto fôr a bem de seu constituinte, sem carecer do prévio assenso de ninguem.

Esta conclusão é tão acertada e rigorosa, quanto os principios eram verdadeiros e luminosos.

Vejamos agora quaes são as consequencias que d'esta theoria teem deduzido os doctos publicistas, por effeito do seu muito saber; e os legisladores conduzidos por um natural instincto. Porque o congresso é omnipotente, disseram elles, tudo lhe é permittido: e como a nação é menor, forçoso lhe é obedecer; e, portanto seria contradictorio conceder-lhe o direito de julgar, e mais absurdo ainda o de se insurgir.

Eis-aqui aonde conduz o methodo de discorrer por metáphoras, e de definir por etymologias.

A nação é menor, porque não sendo um individuo physico não póde ter uma só vontade, não póde obrar, como se fosse um só homem. Mas a nação não é menor, para julgar depois do facto, se este lhe é util ou proveitoso, se o seu mandatario foi leal ou desleal; se na sua gerencia deu provas d'inépcia ou se procedeu com acêrto.

Se o congresso é pois omnipotente porque não ha ninguem que tenha direito para lhe prescrever regras de comportamento, não se segue que essas regras não existam, sem que se careça d'alguem que lhes venha dar. São regras imperiosas, são principios inflexiveis, são condições essenciaes do seu mandato. ¿E quaes são essas condições? Duas e não mais. Primeira: respeitar os direitos naturaes e inauferiveis do cidadão: a segurança, a liberdade e a propriedade. — Segunda: cumprir escrupulosamente as leis vigentes emquanto, usando do seu poder legislativo, as não tiver abrogado.

¿Pois o legislador, dirá alguem, não póde dispensar na lei, não póde suspender o seu effeito? ¿Não póde interpretal-a a seu arbitrio?

Póde e deve, respondemos nós; mas não no sentido vago ou erróneo em que o vulgo intende estas expressões. É pois mister difinil-as.

Dispensar na lei, suspender os seus effeitos, significa: declarar que as circumstancias em vista das quaes se manda sobreestar na applicação da lei, não são as que o legislador encarou quando fez a lei.

Interpretal-a, é declarar, que sendo o seu sentido escuro, o legislador a substitue por outra que é clara.

Mas emquanto o legislador reconhecer que as circumstancias são que dictaram a lei vigente, e pela julgar acertada a não abrogou, elle é o primeiro que deve observal-a.

Bem longe d'isso os parlamentos preoccupados da idéa da sua mal intendida omnipotencia, assentaram que tudo lhes era lícito, uma vez que lhes fosse util.

Escarmentados os povos com tão repetidos quão escandalosos abusos de confiança, quizeram arrogar-se o direito de limitar os podêres de seus mandatarios: e, desde logo, appareceram publicistas, acerrimos defensores da moderna distincção de congressos constituintes e congressos ordinarios: distincção que assenta sobre supposições falsas, e contradictorias.

Este congresso é ordinario, dizeis vós; *não tem poder para alterar nada do que é constitucional*. ¿E quem lhe ha-de dar esse poder? Diz-se; que os eleitores, ou, para fallar propriamente, a maioria dos eleitores.

Mas essa maioria quando elegeu aquelles deputados do congresso ordinario, reconheceu-os por mais capazes, não só d'entre todos os eleitores, mas de todos os elegiveis. Logo, segundo esta theoria, os mais capazes não devem fazer leis que elles julgam necessarias, senão quando tiverem para isso o consentimento dos menos capazes!

Não pára porém aqui a contradicção, por quanto se lhes perguntamos ¿que chamaes vós constitucional? Respondem-nos com o artigo 144 da Carta Constitucional — é só o que diz respeito aos limites e attribuições respectivas dos Poderes políticos, e aos Direitos políticos e individuaes dos cidadãos.

Não louvaremos esta definição por parte da elegancia, mas basta-nos que seja, como é, exacta no essencial; e então perguntamos aos nossos publicistas, e aos legisladores seus adeptos. — ¿E que fazeis vós, quando cada dia emittís leis em que, a vosso sabor, ora daes, ora tiraes, ora modificaes as attribuições já do poder executivo, ou administrativo, já do poder judicial, ora declaraes que taes e taes funcções até agora compreendidas nos limites do poder judicial, devem d'ora em diante pertencer ao poder executivo? Os vossos congressos ordinarios fazem pois diariamente leis constitucionaes. E note-se bem: que tendo as

disposições da Carta, sido prescriptas, sem que seu auctor tivesse á vista essas futuras e numerosissimas leis constitucionaes, que estavam por fazer, ha-de-forçosamente acontecer que, ao fazerem-se, se ha-de muitas vezes reconhecer impossivel manter tal e tal disposição da Carta, sob pena de abandonar a projectada organisação do ramo de administração que se quizer constituir: e portanto ha-de ser forçoso alterar a Carta n'esse ponto. E quem a ha-de alterar senão for esse mesmo que sente a necessidade de pol-a d'accôrdo com o poder, cujas attribuições lhe incumbe organisar?

Confessemos pois, que n'esta parte os publicistas da Grã-Bretanha intenderam melhor que os das outras nações a omnipotencia parlamentar. Alli não se intende o que seja um mandatario com meios poderes, quando se confessa que não ha ninguem que por ser mais intendido, lhes possa dar ou recusar plenos poderes.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

(Continuar-se-ha.)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O ABBADE D. JOÃO.

2 de Fevereiro de 8...

1298 É este um dia memoravel para a historia ascética e militar do nosso Portugal antigo, e em particular para os mui abundantes e mui *verídicos* fastos archeologicos da insigne cidade de Coimbra. Foi em tal dia e mez, que succedeu o beatífico trânsito do justo e sancto abbade D. João, heróe celebrado por todos os nossos chronistas, especialmente pelo *escrupuloso* investigador Fr. Bernardo de Brito, na sua *Chronica de Cister*, e na sua parte da *Monarchia Lusitana*. O milagroso caso, que d'elle cantaram o trovador Affonso Giraldes, e os poetas Sá de Miranda, e Jorge de Monte-Mayor, não é para ficar sem commemoração. O anno, em que passou, foi o de 850 (estão fazendo mil d'aqui a septe): e o documento original, que serve de prova, foi (como bem era de razão) desencantado por *Gaspar Alvares Lousado*, incançavel investigador de antigualhas, a quem tantos e tantos documentos deveram os nossos historiadores; em *Lorvão* lh'o deparou a boa de sua fortuna, que para taes achados lhe não era menos madrinha do que a Fr. *Bernardo de Brito*. — Foi o caso. — Tinha o abbade D. João, parentesco mui chegado com elrei D. Bermudo: largos annos andou, como quem era, na côrte de *Leão*, e servindo como bom cavalleiro nos exercitos do seu parente; até que voltando para os céus os olhos, que assim trazia transviados pelos deleites dos cortesãos e solturas da milicia, se acolheu á vida monástica no convento de *Lorvão*, bispado de *Coimbra*. Alli foi visitado pelo rei *D. Ramiro*, que, segundo parece, devia de ser seu tio, o qual lhe augmentou as rendas da abbadia com doações, que, pelo que vamos contar, não deixariam de ser muito do agrado do céu.

Em Monte-Mór se estava, muito quieto e pacifico ás frescas abas do Mondego, quando elrei de Cordova *Abderramen II* veio em sua demanda, não, como o tio *Ramiro*, para lhe metter em casa mais riquezas, senão como verdadeiro perro moiro, que era, para o despojar com a gente de guerra, que trazia, de todas suas terras e havêres. Não se torvou com tal rebate o esforçado varão, que, ainda que velho em annos, conservava nos membros robustos brios e espiritos de mancebo. Era agigantado na estatura, e de tão sansónica robustez, que a todos os Abderramens d'áquem e d'além mar teria rôsto.

Appellidou a sua gente, e com ella se saíu airoso a investir com os de Mafoma; dos quaes, segundo os boletins d'aquella edade, não menos pontuaes que os d'esta nossa, ficaram mortos no campo septenta mil.

Acompanhava a Abderramen um renegado por nome *Çulena*, a quem o bom do abbade havia creado como a filho desde a sua meninice; fôra o villão do ingrato o mesmo que déra a traça para aquella entrada nas terras do seu bemfeitor: cara lhe saíu a aleivosia, que um só talho da boa folha do abbade lhe fez voar pelos ares a cabeça traidora, que assim era leve como ellas todas são. Não esperou mais o moiro, que logo se tornou voando para Córdova, contar ás suas sultanas como víra o diabo em figura de abbade.

Mas não está ainda aqui o ponto para as suspensões: a coroa d'este milagre foi outro milagre muito mais gentil, que Abderramen não chegou a ver, e que se as suas sultanas o soubessem, perdoariam ao diabolico abbade as suas cruezas contra homens pela sua cortezia para com damas.

Antes que á batalha se lançassem, persuadidos os christãos de que por nenhum modo sairiam d'ella com vida, e querendo esquivar suas mulheres e filhas ao que haveriam de passar em poder de moiros, se n'elle caíssem, por lhes livrarem os corpos da deshonra e as almas do perigo de renunciar a fé, lhes fizeram por unanime consenso e muito á pressa a charidade de lhes cortarem a todas as cabeças. Do abbade fôra o concelho, e d'elle o exemplo que os resolveu, porque por sua mão degolou alli mesmo a uma sua irmã D. Urraca e seus sobrinhos.

Murchavam-se-lhes de pena as viçosas palmas da victoria, e a alegria do triumpho convertia-se em pranto de saudade, quando estes famosos pelejadores se tornavam para suas casas, recordando o desesperado feito que tão desesperados haviam commettido! A carpir sua desgraça se foram os mesquinhos ao campo ensanguentado, onde com as proprias mãos arrancado tinham a vida a quem das suas era encanto. Oh! prodigio!

Todas estão ressuscitadas com as formosas cabeças bem firmes no seu logar, todas em joelhos, orando em côro, com o sorriso nos labios, e os braços alongados para os receber.

De todo o succedido, para que d'isso em tempo algum se não duvidasse, se conservou tradicional e monumental memoria na Ermida de Nossa Senhora de Ceiça, jazigo do sancto abbade D. João: reconstruida em 1590, n'ella se lavrou uma pedra, juncto á sua sepultura, com a seguinte inscripção:

Joannes monasterii Laurbanensis quondam Abbas, Ramiri I Legionis Regis patruus, qui anno Dñi D. CCC. L. Montem maiorem tutaturus Abderramen II Cordubæ Regem (trucidatus LXX Sarracenorũ millibus) parva Christianorum manu, debellaverat: mulieresq̃; ac parvulos suo consilio; occisos; hujus sacræ virginis interventu ad vitam restitutos conspexerat hic tumulatus jacet.

Além d'esta prova de pedra, que innegavelmente é

solida, e d'aquell'outra do documento, que sendo referido por *Lousado*, não pésa menos do que a pedra; ainda ao presente no Castello velho de Monte-Mór, em memoria do bemdicto abbade, se faz annualmente uma pelèja entre christãos, que de dentro se defendem, e moiros da visinhança que os accommettem com grande esforço. Os inficis morrem sempre todos até ao ultimo, mas não tardam tambem em ressuscitar para irem junctos com seus vencedores celebrar nas tabernas da villa as pazes, que hão-de durar todo aquelle anno.

J. M. da Silva Leal.

RÁUSSO POR HOMIZIO.

Romance Historico.

(Continuado de pag. 233.)

IX.

Rosa de Saudade.

1299 Mendo desceu do palafrém a donosa cavalleira; e ficou de braços encruzados, e olhos pregados no chão sem dizer palavra: a rainha encetou a pratica:

— ¡Bemvindo meu formoso donzel! ¿o alegre folgar de monteiro não te prendeu a vontade, nem te varreu o prazer da lembrança da tua dama?... leal foste sempre, e sempre ao meu lado te descobri em hora tal.... vê que ingrata que era — accrescentou com brando sorriso — tudo esquecia agora....

— ¡Ingrata não, linda senhora! alma tão gentil não o sabe ser — retrucou Mendo melancholico no gesto — ¿que val o vosso pagem para vos andar de continuo na memória?... nunca o triste o creu.... ¡nunca! ¡seria loucura o cuidal-o!

D. Mécia encarou-o pasmada da amargura de que vinham repassadas estas fallas; vislumbrou-lhe um receio, um pensamento; mas nem se atrevia a accreditál-o: disfarçou-o.

— ¿Porque te apartaste meu donzel? ¿o cervo, que me atravessou o caminho, transviou-te da abalada?

— Não foi o cervo, senhora minha.... ¡não! larguei a monteria por aquella que me leva cuidados e.... ¡e essa já alli não era!... temi.... algum caso, algum risco, tudo.... ¡nem eu sabia o quê!... corri, busquei-a anciado, até que a alcancei....

— ¿E desejas voltar breve, não é assim? em ligeiro ginete cavalgas; de longe sôa a trompa; não espaces a volta. Vamos, ardido fragueiro, solta as rédeas; aguarda-te o gamo para a derradeira corrida.

— ¡Não irei se o não mandaes!... recorda-me elle.... sou louco, nem sei vencer-me. Lá se anda o coitado furtando á morte; espinhos que o ferem não lhe doem; o vigor não lh'o desfallece a larga carreira; ¡ainda espera! Cortem-lhe o ultimo lanço de salvar-se, dará em terra esmorecido.... morto de desesperação; que primeiro o acabará ella do que o tomem ferros, ou raivosas matilhas.... ¡roubar-lhe eu o extremo abrigo, seria crueza!... tambem me soou a esperança n'alma.

— ¡Mendo! que triste que estás.... e não só de hoje. ¿Meu pagem, quem te matou o alegre viver? ¿quem te apagou o riso dos labios?... tens os olhos pisados, as faces desbotadas.... ¿donzel, tu choraste?

— Chorei, senhora minha, chorei sobre essa existencia, que toda deslisava por entre venturas e contentamento; sobre este coração, que se desatava com jubilo ao sol da vida, como bonina ás orlas de areal revôlto, descuidado da procella que tinha de o queimar.... sobre esse tão doce e esquecido viver, que fugiu, que definharam amargos prantos, lagrimas, e desesperança eterna!

— ¿Pagem, tu amas?

— ¡Se amo! ¡amo, linda senhora, amo muito!... ¡amo d'alma!... mas....

— ¿Responde com rigores a ingrata ao teu galanteio, com desprezo talvez?... Socega, meu donzêl, por nobre e senhora que seja, não lhe cede o teu brazão, e tão alto subirás que te acceitem.... ¿quem é ella?

— ¿O seu nome?... nem me atrevo a proferil-o.... crésta-me os labios.... adoro-a como no céu se adora a Virgem, de joelhos e sem erguer a vista....

— ¿E no rosto, ou nos meneios não lhe colheste mostras, que te deem algum alento?

— ¡Nenhumas! nunca o tive eu; ¡nunca! ¡Senhora minha!... este amor callei-o, ninguem o adivinha; está sepultado aqui; morrerá comigo, desconhecido, despresado, ¡mas escarnecido, não!...

— És leal, meu donzel.... ¡leal em extremo!... quasi que me gera invejas a tua dama — proseguiu a rainha, sorrindo-se com ar chistoso — ¿dize-me, e pela mais linda, donosa, e engraçada de todas a apregôas? ¿não é verdade? olha, Mendo, mentem muito olhos e vozes de namorado; não o crês tu agora.... ¿e sabe ella que a amas tanto?

— Não o sabe.... ¡não o saberá nunca! ¡que não ousa o sem-ventura revelar-lh'o!... se elle o ousára com a face no pó bradaria, como eu brado agora: — senhora, houve na terra um homem, que vos quiz muito, que vos amou com todo o amor que n'alma cabia.... e nem de consolação, nem de esperança o sustentava o triste.... abafou esse affecto, recalcou-o no fundo do coração que estallava.... viveu, se aquillo era viver, a olhar-vos, a ouvir palavras meigas, sorrisos suaves, que entornavam um paraiso de deleites no peito d'outro mais ditoso, que lhe estorciam o seu com ancias, ciumes, e agonias incomportaveis.... e nunca uma vista ardente, nunca um grito de dôr arrancado do intimo denunciaram o incendio, que ía lá dentro.... ¡nunca!... Chorou esse homem.... chorou muito; mas as lagrimas de sangue, vertidas por martyrios insoffridos, bebeu-as elle só.... sumiu-as todas no coração...,

— Mendo — gritou a rainha — ¿enlouqueceste:... que estranhas fallas....

— ¡Ouvi-me, linda senhora, que me ouvis pela derradeira vez!... a esse malaventurado acabou-se o soffrimento.... já não póde mais.... ámanhã lá se vae em lides de moiros descobrir o peito ao alphange do descrido.... ¡vae ganhar morte breve, que lhe dê repouso!... morte do corpo, que a alma traz elle morta ha muito.... dae-lhe um suspiro, uma lagrima, que alveje sobre a lousa do pagem, dae-lh'a que frio e gelado a sentirá ainda o pobre!... alentae-o com fallas brandas, com um sorriso ao menos, que o sacrificio é grande, e o trago de fel bem amargo!... fazei-o, senhora minha, não vos desluzirá a corôa; mais perdeu o triste, que trocou por vós as

rosas da vida, pelos goivos da morte, pelo cipreste de sepulchro esquecido!

D. Mécia o escutou assombrada; Mendo, ajoelhado e com os olhos affogados em pranto parecia nem ouvir, nem sentir.

— Mendo — disse ella, depois de breve pausa, com ar de magoada — louca é essa paixão.... ¡amor de creança, que nem sei levar-t'o em mal!... o tempo ha-de-o arrefecer.... ha-de apagal-o de todo. Vae, meu pagem, não te tolherei o intento nobre, vae a guerrear os infieis; arnez e elmo te endurecerão o peito.... Volta com o broquél assignado de golpes, rico de glorias.... partirás ámanhã.... ¡hoje mesmo!

O donzel poz-se de pé, e beijou-lhe a mão com funda tristeza; — despregou-se n'aquelle instante uma rosa da grinalda da rainha, e bateu no seio do moço; pegou-lhe elle, e com suspiro entranhavel lh'a entregava.

— Não, Mendo, irá comtigo, se a cubíças — acudiu ella sorrindo-se mansamente — saudades da tua dama recordará a rosa, leva-a! ninguem o estranhará. ¡Sê bom e esforçado cavalleiro!... agora convem que te apartes.... se algum dos meus fôr perto, envia-m'o; aqui aguardo; não seguirei a monteria.... olha meu pagem, quero vêr se á volta ainda a pobre flôr te anda conchegada ao coração.... hão-de invejar-t'a lindos olhos.... hão-de requerer-t'a ciumes.... ¿e quem sabe se a esquecerás, meu donzel?...

— ¡Nunca, senhora minha, nunca! pensarei muito em vós.... ¡sempre! como se pensa na formosa imagem de archanjo radioso e candido, que transparece em sonhos a esfolhar esperanças sobre o que só assim revê venturas!...

Um raio de alegria sulcára o semblante do pagem: D. Mécia acenou-lhe que saisse; saltou de leve no corcél, chegou-lhe os acicates, e affastou-se a bom galopar; já de longe volveu o rosto atraz, e cerrou a mão ao peito; sumiu-se depois na distancia.

— ¡Pobre Mendo! — murmurou a rainha, rebentando-lhe duas lagrimas; e ficou por momentos toda suspensa em alto meditar; seriam ellas recordações, ou mostras de piedade; seriam voz do coração ou suspiro d'alma. — Nem ella propria o saberia talvez ao certo.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE.

(Vem de pag. 218).

POMPAS MUNDANAS NAS EGREJAS.

1300 Provámos que não cabia na egreja a musica profana. Provaremos agora, que tão pouco n'ella cabem as pompas dos magnates seculares.

Em termos cortezes o haviamos affirmado, quando em uma festa religiosa se viu uma princesa levantada como trophéu na Casa de Deus. — Cuidayamos, que já que a servilidade não póde repetir expressões livres, saberia pelo menos callar quando as ouvisse.

Não foi foi assim. — Fallou a servilidade pela bocca da sandice; e gritou, *que á alta cathegoria da Princesa era devido aquelle logar: que essa tribuna, que nos escandalisava, fôra imitada exactamente da que se costuma armar para a rainha e familia real na Sé, em S. Domingos, S. Vicente, e mais egrejas; com a differença de ter menos de ametade d'estas.* — E concluiu perguntando — *porque razão, nos não tinhamos levantado contra esses palanques da cathedral onde só* DEUS É GRANDE? — Ha em tão poucas palavras um parallelo, pelo menos temerario, e duas mentiras atrozmente calumniosas. — Responde-se ao parallelo: — na jerarchia social não ha quem se compare com a Cabeça do Estado. — Responde-se á primeira mentira: o Cadafalso, armado para a princeza, não era, principalmente medindo-se a sua monstruosidade pela pequenez do templo, onde torreava, menor, senão maior que o da rainha: — E responde-se á segunda mentira: a nossa opinião quanto a esses da rainha, claramente a haviamos tambem manifestado n'aquelle proprio artigo e paragrapho, que o miserrimo tinha diante dos olhos, por estas formaes palavras; — *o tabernaculo é quem véda, que os não canonisados, e aindo vivos, reis e imperadores que sejam, campêem ahi como quem domina por cima das cabeças dos bemaventurados, etc.*

Mas não commentemos o parallelo, nem nos detenhamos com a primeira mentira. — Que fosse esse throno de princeza, maior, egual, ou menor, que outro de rainha; que entre rainhas e princezas deva ou não haver differenças, pouco nos importa aqui. — O nosso unico assumpto hoje é provar que não havendo na Casa de Deus rainhas nem princezas, tambem não póde haver n'ella estas excellencias de logares. — Tractaremos a questão em thése. A nenhuma pessoa em particular nos referimos; como tambem a nenhuma absolutamente exceptuamos.

Duas vidas se vivem ao mesmo tempo na sociedade. Uma publica, devassada dos olhos, ouvidos e juizos de todos; outra intima, que, similhante ao fundo dos gôlfãos e volcões, só de cima se descobre. — A primeira feitiça, composta, dependente e sujeita, é muitas vezes diversa e contraria da segunda. Ha em cada um de nós e trabalham simultaneamente dois homens, o natural e o social, não fallando no homem religioso ou consciencia, que domina e julga a ambos. A vontade e as obras tão a miude desparatam, que, se Deus n'uma hora nos tornasse transparentes, como o christal, e visiveis dentro os nossos pensamentos e affectos, nenhum spectaculo seria mais horrivel. Dois codigos eram logo necessarios, que regulassem, um, o viver publico, outro o viver secreto. Aquelle, fazemol-o, e refazemol-o nós mesmos de contínuo, e chamamos-lhe lei: — este, fel-o, quem só o podia fazer, e chama-se Religião. — Os barbatos e leigos do convento philosophico só cogitam do primeiro; os mestres, sem o despresarem, antes recommendando-o com toda a efficacia, pregam com tudo a indispensavel necessidade do segundo, como unica verdadeira base de qualquer sociabilidade menos imperfeita. — Os artigos penaes e os juizes, como bem ponderou *Rousseau*, vedarão ou punirão os maleficios commetidos na praça e ao olho do dia: mas só os mandamentos com a sua sancção sobrenatural poderão obstar a quaesquer outros. O roubo, a injuria, o adulterio, o assassinamento com testimunhas não os commetterá o barbato, que vê as grades da cadêa, e a escada do patibulo, mas o philosopho, isto é o christão, ainda sem testimunhas tremerá de os commetter. Homem virtuoso, que não crêa nos destinos ulteriores de sua alma, não creaes vós n'elle: essa virtude seria um effeito sem causa, se existisse, e antes loucura do que vir-

tude. Necessarias são as leis, porque uns não recebem o Decálogo, outros, apesar de o recebermos o não cumprimos; e indispensavel é sobre tudo a Fé, porque leva os deveres até os ultimos recantos da casa e da consciencia; a lei é o concelho do municipio, manda varrer a cada um a sua testada, pintar a sua frontaria, tirar das janellas os vasos, que poderiam esmagar a quem passasse; — a Religião é a mãe de familias, que traz a vivenda por dentro arrumada, farta, contente, toda um palmito de S. João, com muitas flores e muitos fructos. ¡ Que mais evidente demonstração da divina procedencia do Christianismo, do que esta precisão absoluta, que d'elle tem a humana sociedade!

D'isto, mais ou menos averiguado mas bem sentido, resultou, que em nossas constituições politicas é posta a religião como fundamento do Estado; e de todos seus fundamentos o unico é este inabalavel.

Todas as falsas religiões, que não produziram uma ordem social, sobre-maneira viciosa e caduca, tiveram indubitavelmente em si alguma fabula, que arremedava principios cardeaes da nossa crença; e o mahometismo nem se houvera propagado por tanto mundo, nem contaria já quasi trese seculos de existencia a não haver herdado grande parte dos nossos dogmas, da nossa historia, e da nossa moral.

É difficil se não impossivel explicar, porque razão homens aliás sabios teem acintemente forcejado por arrancar da terra esta magestosa arvore de dezoito séculos e meio avergada de tantos trophéus, prodiga de tantos fructos e bálsamos, e tão visivelmente divina, que de cada golpe sacrilego, que lhe descarregam, novas ramadas lhe rebrotam: se ao menos tivessem idéa fecunda, de germinação e fructificação infallivel, ainda que humilde e rasteira fosse, para a semearem no logar d'ella..! Se Voltaire, queimando os Evangelhos tivesse para encadernar na mesma capa, em que tantas mãos de reis e de povos se impuseram para prestarem juramentos, alguma coisa mais do que os seus contos licenciosos..! se Mirabaud apostolando o atheismo, não fosse ao mesmo tempo o confessor e o martir de todos os vicios... ¡ se .... ! Mas deixemos os que já estão julgados na eternidade e condemnados no tempo. O Christianismo orou sobre as suas sepulturas, e existe para orar ainda sobre as de todos seus inimigos até á consumação dos seculos. Uma grande vantagem tem elle colhido nas sucessivas perseguições, que lhe teem feito os tirannos, os heréges, os fanaticos, os inquisidores, os sabios vaidosos, os mundanos frivolos, e sobre tudo e muitas vezes os seus proprios ministros e pontifices supremos: á proporção, que por dentro se tem fortalecido como o cédro do Libano, que medra luctando com os temporaes, tem ido despindo quantos ramos enxertados e podres, mãos ignorantes e damninhas lhe enxertaram. Hoje, afoitamente o podemos dizer, desemaranhado de superstições, benigno e tolerante, segundo o coração de seu Fundador, é um culto intellectual e nobre até no sentido das idéas terrestres, e ante cujos altares podem, sem pejo, prostrar-se, como o vulgo, os artistas, os talentos, os genios, e os legisladores de liberdade.

A Philosophia e a Fé deram-se os braços, como duas irmãs — *misericordia et veritas obviaverunt sibi: justitia et pax osculatæ sunt.* — Os seus dois fachos se reuniram n'um só facho para melhor alumiar a terra. Caminhando ambas para o mesmo ponto, que é a felicidade, e para além d'ella a felicidade, uma arrimada ao bago, a outra ao sceptro, lá se vão ajudando a vencer os estorvos, sempre recrescentes, da estrada longa. O Evangelho, encarnando as suas praticas nas instituições profanas, o poder temporal, sanccionando, se é licita a expressão, o culto, auguram e abonam uma edade nova de prosperidade solida, porque todas as forças internas e externas, sem as quaes nada grande se póde prefazer, para ella haverão egualmente contribuido. ¿ Mas virá já proxima essa edade? Temos que não: e eis-aqui os desconsolados fundamentos. — O excesso, que d'antes havia no sacerdocio a respeito do imperio, hoje nos parece havel-o no imperio a respeito do sacerdocio; — é a pendula que vem na mesma proporção, em que havia ido; (o seu pêso a fará parar no meio).

O poder civil reconhecendo em thése o Christianismo por necessario, ainda com tudo na maior parte das hipótheses o tracta como superfluidade. — Amesquinha-lhe o apparato e a sustentação; deszéla ou preverte a escolha de seus ministros; e sobre tudo transcura a religiosa educação da puerícia e mocidade. E os padres, por consequencia infallivel, mal escolhidos e mal venerados, profanam, peior que ninguem, e desauctorisam assim o seu character e ministerio, como a crença, de que tão indignamente são intérpretes. Atropellando o sagrado cânon, que prohibe aos militantes de Deus o intrometterem-se nos negocios seculares, as parcialidades politicas teem chamado alternativamente a pelejar, sob suas bandeiras oppostas, os filhos e representantes do que dissera — «*não é o meu reino d'este mundo.*» — Por isso as egrejas, que nunca haviam de ser mais do que redís pacificos da grei fiel, se teem successivamente convertido em fortalezas semi-espirituaes, para defensão, já da tirannia e já d'esta e já d'aquella constituição politica. Do templo saíam com o crucifixo á frente, armados de ferro e fogo os bandos dos pelejadores civís, proclamando, não evangélica senão mahométicamente, o exterminio, de quem sonhava liberdade: e no templo se dão as batalhas eleitoraes; e o parocho, dependente do governo, e de um bispo tão dependente como elle, é obrigado a entrar n'ellas, combatendo e esforçando os combatentes. D'ahi, dos odios provenientes d'esses conflictos, da substituição do periodico ao breviario e da proclamação á homilía; e finalmente, de ter passado a quasi mendigar o que ha pouco esmolava, resulta, que apenas se poderá encontrar, lá por entre as neves de alguma serra, bem apartada, quem dê a lembrar aquella tão veneranda, tão poetica, e tão divina figura de Jocelyn. — Sim: repetil-o-hemos; uma grande parte do clero, com todos os vicios de pobre, com todos os vicios ainda mais graves de empobrecida, condemnada a lisongear e servir aos grandes e a temer, e a bajular os pequenos; em summa, falta da charidade, porque perdendo a educação e a sciencia, que lhe era propria, perdeu com ellas a fé e a esperança, é hoje de feito peior calamidade para o Christianismo, do que foram no passado seculo os athêus, e do que são no presente, os indifferentistas e os scepticos. A eterna Verdade, que aos sacerdotes havia dicto — «*vós sois a luz do mundo e vós sois o sal da terra*» — havia dicto egualmente «*¿ se o sal perder a substancia e a virtude, com que é*

que se ha-de salgar? Não ficará servindo para mais nada, senão para que o lancem fóra, e o pisem os que passarem.» Mas emfim, os éstos politicos, em que tudo por ora anda balouçado, hão-de quietar. O sal, que em parte se derreteu, ha-de tornar a ser sal, e a luz dos faroes, que, á míngua de óleo, allumiam pouco, e misturam trévas com a claridade, ha-de allumiar de novo, porque tambem a mesma Verdade indefectivel disse — *«não prevalecerão as portas do inferno contra a minha Egreja, que tem de persistir até o fim dos seculos.»* — Então, quando houverem cessado estes desconcertos, em que mais são culpadas as coisas do que os homens, e que a Providencia permitte por designios seus insondaveis ao juizo humano, o sacerdocio, largando as redes profanas, com que hoje pésca, volverá para o sanctuario a dar a doctrina e mais o exemplo; e a puerícia, e a adolescencia, e a virilidade, e a velhice receberão, o que hoje não recebem; o ensino, a repressão, as normas e avisos, as consolações e confortos; do céu, que parece de bronze, tornará a caír o maná sobre o deserto.

Acerca da obrigação, que aos poderosos do seculo incumbe, de apressar este praso de verdadeiro triumpho e *hosaunah* para o Christianismo, muito se podéra e devêra escrever, porque hoje o pulpito está mais na imprensa do que na egreja: e d'esta nova cáthedra de verdade, ainda que tambem a miude, cáthedra de pestilencia, se préga mais largamente ás multidões; mas esse sacerdocio corre á conta do talento, e talento auctorisado; a nós, não nos pertence. Encommendamos-lhe sim, este grande thêma, tão eminentemente social; e cujo desinvolvimento será, com alvorôço, escutado por quantos se acham unidos com os vinculos naturaes do sangue á geração vindoira.

Nós vamos entrar em assumpto de menor esphéra para poder ser percorrido em tão limitada folha; postoque tambem interessante, como se verá pelas altissimas considerações com que está ligado.

Deixamos como pontos assentados, a necessidade do Christianismo, até para complemento da legislação — e as pazes e alliança offensiva e defensiva, celebradas entre elle e a Philosophia. Restava examinarmos como entre elle e a politica, de quem já, pelo menos, é reconhecido, se poderia estabelecer egual parceria íntima, perfeita, e indissoluvel; por outros termos, como se poderia tornar a politica philosophica, isto é de vez e de véras e sinceramente religiosa: — mas tornâmol-o a dizer — taes assumptos, para onde a vontade invencivel nos chama de contínuo, requerem maior voz, maior nome, paginas mais amplas, e horas mais desafogados, do que nós temos. — Restringir-nos-hemos portanto em ventilar, como é que os reis, principes e grandes do seculo devem contribuir para esta obra regeneradora, frequentando as festas do culto, não como ídolos doirados, que vão buscar adorações, mas como fieis, que vão dar o exemplo da adoração humilde e cordeal. Todas as auctoridades, aqui apparecerão por nós — as Escripturas, a razão, a historia e a natureza. A evidencia, esperâmol-o firmemente, sairá a final como um feixe de luz de todas nossas provas reunidas.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1301 As recebidas n'esta semana não merecem relatadas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1302 *Diario do Governo de 26 de Janeiro.* — Prorogação por mais quatro mezes, contados de 15 de dezembro passado, do prazo para o recenseamento da divida fluctuante do estado, contraída desde o 1.º de agosto de 1833 até novembro de 1841.

Idem de 27. — Portaria para que o presidente da Relação do Porto dê providencias, para que só nos casos legaes e com a maior segurança se permitta aos presos o saír da cadêa.

Idem de 28. — Portaria: as decimas de juros vencidas até fins de dezembro de 1837 serão pagas nas mesmas especies de moeda, em que os capitaes respectivos foram mutuados; e d'ahi em diante todas em metal. — Ordem do exército n.º 4. — Tabella da disposição dos fundos do thesoiro publico em novembro passado, importando em 11.722:943$309 réis. — Venda de bens nacionaes em Portalegre, Bragança, e Vianna, na importancia de 820$200 réis.

Idem de 30. — Portaria: o thesoiro publico organisará a statistica de todas as alfandegas maritimas e das Septe-Casas.

Idem de 31. — Portaria para que o lyrio florentino em pó pague de direito de entrada 1440 réis por arroba, e de saída 10 réis.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

1303 Domingo 22, na sala dos actos do denominado Collegio dos Nobres, celebrou a Academia a sua sessão annual e solemne. A concorrencia, assim de socios, como de membros dos corpos diplomatico e legislativo, empregados publicos e litteratos, foi mais plena que nos annos precedentes. SS. MM. Fidelissimas não poderam comparecer por falta de saude. S. M. Imperial com a Princeza, sua filha, occupava uma das tribunas.

Aberta a sessão pelo Sr. *Mousinho de Albuquerque*, servindo de presidente, leu o Sr. Secretario *Macedo* o relatorio dos trabalhos d'Academia desde a ultima sessão. — O Sr. Doctor *Filippe Folque* leu uma memoria sobre os trabalhos geodésicos feitos em Portugal. — O Sr. Conego *Freire de Carvalho* outra, em que se reivendica para a nação portugueza a invenção das machinas aerostaticas. — Finalmente o Sr. *Costa e Sá* o elogio historico de José Bank.

Durou a conferencia desde a meia hora até ás tres e meia da tarde.

Outro dia estamparemos o programma, que alli se publicou para os premios de 1843 e 1844.

PREVERSIDADE VILLÃ.

1304 Inimigos do administrador do concelho de Tentugal perpetraram contra elle na primeira noite d'este anno, uma vingança tão vil e estupida, que bem fizeram querendo-a sepultar nas trévas. Entraram-lhe pela quinta, denominada do *Ramalhão*, derrotando primeiro com ferro parreiras e arvoredos, quantos encontraram, e pondo depois fogo ás casas. — É um género de desforra, que ainda revela peior indole do que o proprio assassinamento. — O governo civil de Coimbra e as auctoridades judiciaes empenham-se, com razão, em dar n'este caso um exemplo sevéro.

EPIDEMIA NO GADO SUIL.

(Carta.)

1305 Faz hoje um mez que principiou a grassar no logar da Gafanha d'este concelho uma molestia epidemica, que tem atacado os porcos de tal maneira, que se contam já mortos 45, avaliando-se a perda em 160$ rs., e continua a mortilha; em dando em uma casa alimpa quantos porcos haja; e tem-se sérios receios, que a mesma molestia se generalise ao gado vaccúm e lanígero, e se estenda aos mais logares do concelho. Os intendedores dão-lhe o nome de *pasmo*; é certo que em estes animaes sendo affectados, ficam pasmados e immoveis, e logo morrem, sem que se tenha dado com remedio que os possa salvar.

De V. etc.

João Ferreira da Cruz.

Vagos 24 de janeiro de 1843.

NATURAL DESFECHO DE UMA VIDA DESORDENADA.

1306 A 23 do pretérito dezembro, pela manhã, achava-se formada na praça de Elvas a sua guarnição. — Em frente da tropa, um homem, de joelhos, e com os olhos vendados, recebia dos labios de um ministro de Deus palavras de esfôrço e consolação. — Um trovão de seis tiros, a um tempo, interrompe a ultima phrase do discurso. A alma do ouvinte estava na eternidade: o seu cadaver golfava sangue sobre a terra.

Este infeliz trocára a vida militar pela de salteador, e terminára a de salteador por assassino. Uma desventurada, que lhe déra o seu affecto, e breve lhe fa dar a mão á face dos altares, foi por elle roubada e morta. — Deus haverá tido misericordia da alma do matador; porém o corpo, que a terra está comendo, de nenhuns olhos levou lagrimas.

TREMOR DE TERRA.

1307 Terça feira 31 de janeiro pelas oito e meia da manhã sentiu-se n'esta cidade um tremor de terra, felizmente levissimo e de mui pouca duração.

A MATRICIDA.

1308 A filha do pescador de Setubal, de que fallámos no artigo 1258, já tem, segundo nos participam, mais outra morte sobre a consciencia. O pequenito, que tambem havia comido das papas avenenadas para sua mãe, veio finalmente a morrer. A justiça continúa com actividade este processo: — parece que a defensa da ré prêsa, vae ser commettida, *ex-officio*, ao joven advogado d'aquella villa, o Sr. Annibal da Silva. — É um papel difficil, mas em que o talento do orador ha-de brilhar apesar de tudo. Uma circumstancia inesperada vae dar á sua eloquencia um bom recurso em causa tão falta d'elles. — O viuvo da assassinada e pae da criminosa é, quem por todos os modos, e desfeito em lagrimas sollicita o seu perdão. ¡Que labirinho de encontrados affectos não vae lá por dentro no coração do pobre velho!

O REMEDIO TOMADO PELO MEDICO.

1309 Appareceu, não ha muito, no concelho de Almeirim, um medico adventicio, bem fallante, e, por extremo, serviçal. Pouco se demorou na terra, mas n'esse pouco inçou-a de receitas, que, se todas são, como a de que nos falla o Sr. *João José de Moira*, valem por certo muito bons vintens. Chamado por uma mulher para vêr seu marido, que se jazia de cama; examinou-lhe a lingua e o pulso, mascou, palpou-lhe o ventre e reconheceu que havia alli dentro uma grande opilação. — «Para isto de opilações — «disse elle — não conheço senão aguas férreas com sul- «furêto de qualquer coisa; ou dissolução de oiro em «ôvo. — Pela agua férrea é que eu votava, se fosse es- «tação para ella; como o não é, vamos ao segundo «expediente: — venha um ôvo, mas que não seja se- «diço.» — Trazem-lh'o, abre-o dentro n'uma tigella. Para o mecher recusa uma colhér, que lhe offerecem, como nociva por certas qualidades do metal, e contenta-se com um pedacinho de páu. Pede então que lhe lancem dentro cordões, brincos, anneis, qualquer coisa mas que seja de oiro. Remeche, torna a remecher: tapa com um papel e depois com um prato; põe-n'a á cabeceira do enfermo, e, tornando a apalpal-o, com toda a charidade, recommenda que lhe deem aquillo a beber, com uma casquinha de limão, passadas tres horas, pouco mais ou menos; que elle voltará no outro dia. — E sae. — Passadas as tres horas, destapam a tigella. O oiro tinha-se derretido, a ponto que nem rasto d'elle se via dentro. Procuram o medico. Alguma doença de pressa o tinha levado para outra parte: não tornou a apparecer. Os boticarios da visinhança registaram este novo remedio nas suas Farmacopéas com o titulo de *opio para asnos*.

COMPANHIA COMMERCIAL.

1310 Sôa que se está compondo uma grande companhia, que ha-de abranger o tráfego mercantil das nossas colonias.

Ignorâmos ainda a sua índole, as suas condições e os seus verdadeiros fins: em sabendo tudo isto, de um modo positivo, procuraremos julgal-a com a sisudesa, que em tão vitaes assumptos se requer.

MORRER PARA NÃO TESTAR.

1311 Perante o jury de Valença do Minho se apresenta no banco dos criminosos um mancebo. Diz a accusação, que entrára em a noite de 24 para 25 de abril pelo telhado da casa de um seu tio clerigo em *S. Payo de Agua Longa*; e indo-se ter com elle á cama, onde dormia; e descarregando-lhe um rijo golpe na cabeça, o despedíra, sem accordar para a eternidade; e accrescenta, que o negro motivo d'esta negra acção fôra a ância de atalhar, a tempo, o testamento do velho, que traçava deixar por sua universal herdeira a uma sobrinha, prima do matador. — O jury não julgou provado o crime; mas o juiz de direito achou menos provada ainda a sentença do jury, e cassou-lhe os effeitos. — Todo o districto elogía ao magistrado por este exemplo de necessaria severidade.

PALPITE.

1312 Um honrado negociante d'esta cidade, chegando ao seu escriptorio na quinta feira 26 do mez passado, véspera da extracção da loteria da Misericordia, ouve pregoar na rua — *quem se habilita aos cinco contos de réis.* — Sente um impulso de tentar a fortuna, mas passageiro: — põe-se ao trabalho. — Passado pouco, renasce-lhe a tentação; dil-o aos caixeiros, mas accrescenta logo que — «não quer ceder» — e continúa na sua escripta. — Terceira vez lhe acode o mesmo pensamento — «decisivamente hei-de entrar

n'esta loteria» — diz elle, levantando-se, e manda comprar um bilhete. — Recebe-o; lê o numero, 9060. — «Bem — exclama fechando-o na carteira — já o não dava por dois contos de réis: ámanhã ás nove horas e meia hei-de ter mais doze mil e quinhentos cruzados.» — Riram todos d'aquella fé. Cada um dos circumstantes fez algum dos commentarios, que em taes casos se costumam, e um d'elles, caixeiro da casa, requereu logo um vestido novo se viesse a effeito a prophecia. Na sexta feira ás nove horas anda a rodà: e o segundo numero, que sae, é 9060.

Ás nove horas e meia, um dos melhores alfaiates da cidade talhava uma andáina de fato para o caixeiro; o qual é hoje de parecer, que o painel, em que o *Guido* representou a Fortuna nua, deve ser emendado, vestindo-a com uma boa casaca de lemiste, e pondo-a em pé em cima de uma roda.

Conhecemos a pessoa a quem ella d'esta vez favoreceu por um modo tão admiravel; podemos affirmar, que nunca os favores da céga Deusa foram mais bem empregados, ou recebidos por mais generosas mãos.

VERSÃO PARAPHRÁSTICA DE PALAVRAS DE JESU CHRISTO POR UNS FESTEIROS DE 1843.

1313 «Se alguem quizer vir apóz mim abnégue-se «a si mesmo: largue tudo quanto possue: pegue da «sua cruz e siga-me.» — Disse o Fundador da Religião professada n'este reino fidellissimo.

Se alguem quizer vir á festa christã de 30 de janeiro de 1843 na Egreja da Misericordia de Lisboa, procure obter um bilhete nas vésperas; quando não, compral-o-ha no dia a algum dos traficantes, que os andarem vendendo; vista casaca, enfeite-se, e entre. — Parte d'isto se disse, e tudo isto, e muito mais ainda se fez.

A egreja esteve uma esplendida assembléa: tudo n'ella era grandeza e luxo. Se os Pescadores do Apostolado fossem bater áquellas portas humildes e descalços, como viveram, ainda que levassem o theatral bilhete, podiam ter certeza de não ser admittidos. — ¿¡Que dizemos?! — A Sacra Familia mesma, que alli se apresentasse, não acharia logar. Era uma festa unicamente de côrte, éra um Christianismo de nova especie, reformado segundo os tractados da *etiqueta* diplomatica; um Christianismo aristocratico-perfumado; um ill.mo e ex.mo christianismo; um quináu de bom tom a todas as sebentarias de sanctos padres e concilios; um *improvement*; uma *renaissance*; uma religião applicada ás artes, para a qual trabalharam mais do que os theologos moralistas e expositores, as modistas, os cabelleireiros, e os ourives... Nada alli faltou para que os *dilletanti* se podessem cómmodamente saborear na estrondosa musica de ambos os sexos: todo o salão, *vulgo* egreja, estava cheio de bancos, de cadeiras, de tribunas. Se tivesse havido (nem tudo lembra) o accôrdo de tapar todas as capellas para se não ser destraído do soberbo *golpe de vista* pelas imagens importunas de sanctos democraticos e mal vestidos, como S. Antonio de corda á cinta e com os dedos á mostra, e S. Roque com sua capa de perigrino, e outros quejandos, sem commenda, nem casaca, que festa, que festa não houvera sido!!

Oiça a posteridade, e creia-o, se podér; — a previdencia das commodidades, e a furia de fazer bem as honras da casa, tinham sido levadas a ponto, que nas duas tribunas, alçadas no arco cruzeiro e forradas de damascos e velludos bordados, nem sequer faltavam grandes vasos, não de flores, nem de perfumes, nem de doces, mas..... O que o beduino da rua do oiro não perdoou a *Bin Aamour*, que fizesse na sua escada, podia fazer-se e fez-se n'aquelle templo, onde se achava o Sacramento Exposto; e bem exposto que se elle viu em tal festividade!

Não estivemos lá; — mas estes factos podemos affirmal-os com juramento.

¿Calar-se-ha toda essa imprensa? ¿É permittido — não disemos a christãos mas ainda a moiros ou gentíos — o deixar em taes casos de fazer com a palavra o que Jesu Christo fez com o azorrague aos profanadores do Templo?

TARDARÁ O CASTIGO MAS NÃO FALTA.

1314 Justiça e tropa se apresentam no dia 17 de janeiro n'uma casa na rua do *Camarão* na cidade do Porto. Vão direitos ao quintal, cavam; descobrem ossos humanos, despidos de carne.

Prendem-se varias pessoas: uma d'ellas, carniceiro de officio, e por alcunha o *Gallinha*, diz a fama publica, foi, haverá quatro annos, matador de um mancebo, seu primo, a quem se julgam pertencer os ossos. Commettêra-se o homicidio sem testimunhas: mas o mancebo viram-n'o entrar para alli um dia, ha quatro annos, e nunca mais apparecêra. O sitio da achada no terreno agora quintal era, a esse tempo, casa do supposto malfeitor, e pelas medidas se reconheceu que jazia no seu quarto e bem por baixo da cama. N'aquella mesma cama, em que elle pernoitava por cima da sua horrenda obra, recebeu o Viático n'uma grave enfermidade, que depois teve, — ¿Quem, apóz mil e quinhentas noites devolvidas, denunciou á justiça humana o crime e o criminoso? — ¡ninguem o sabe! — ¡a justiça divina! — ¡uma carta anonima! — ¡a Providencia!

Lê-se este facto por outras palavras no Periodico dos Pobres do Porto.

UMA DE MIL.

1315 São 14 de janeiro: fóra de horas; toda a cidade está adormecida; as ruas èrmas e escuras: pela rua de S. Bernardo, á Estrella, vae passando taciturna e pausadamente uma patrulha; — pára; ¡ouviu gemidos angustiados! sáem de uma pobre casa: batem, chamam, repetem; ninguem abre, ninguem responde! Arrombam: avistam sobre uma pobre enxerga uma velha agonisando; correm poucos segundos, já não respira!

Assim se morre ao desamparo, de noite, depois de haver mendigado, talvez em vão, todo o dia, no meio de uma grande aglomeração de entes humanos, chamada uma capital; onde ha muito quem traga ao pescoço, nas orelhas, ou sobre os cabellos o que bastaria para remoçar a duzentos velhos, salvar do perigo a duzentas donzellas, aproveitar para o serviço da patria a duzentas creanças! — Oh! se isto lembrasse alguma vez! uma vez por anno, no meio das alegrias feiticas de um baile, como aquelles chuveiros de brilhantes, que se alardeam com vaidade, pareceriam chuveiros de lagrimas, de que andavam orvalhadas aquellas buliçosas flores sem perfume, de que a moda compõe a sua grinalda, e que, em murchando, para ahi ficam no desprêso de que a tempo se não souberam redimir!